

Artigo

Movimento Social e *Hip-hop*: “O redentor do meu povo será o meu povo. Só.”¹

Maria Clara Pereira Soares*

Resumo

O cotidiano da classe trabalhadora não tem descanso. A juventude e as periferias sofrem as mazelas de uma crise econômica, sanitária e social. Essa realidade se expressa de diversas formas e os movimentos sociais têm cumprido um papel organizador de pautas necessárias para a sobrevivência e emancipação de direitos. O artigo recupera a trajetória e origem do *Hip-hop* no Brasil, na formação de suas posses e de suas organizações nacionais. Assim como retoma o conceito dos “novos movimentos sociais” que surgem no mesmo período para aglutinar pautas que até então os movimentos clássicos não enfatizavam, entendendo também as limitações desses movimentos. Portanto, concluímos que o movimento do *Hip-hop* se caracteriza como político-cultural tendo importância na construção de organizações políticas reunindo militantes para o enfrentamento aos ataques dos governos e com ideias revolucionárias.

Palavras-chave: *Hip-hop*. Movimento Cultural. Organizações Políticas. Classes Sociais.

Social movement and hip-hop: “The redeemer of my people will be my people. Only.”

Abstract

The daily life of working class has no rest. Youth and peripheries suffer the scourge of an economic, sanitary, and social crisis. This reality expresses itself in several ways, and social movements have been playing an organizer role of the necessary agendas for the survival and emancipation of rights. The article retraces the trajectory and origin of Hip-hop in Brazil, in the constitution of its possessions and its national organizations. As well as it recaptures the concept of the "new social movements" that appeared in the same period to agglutinate agendas that until then the traditional movements did not put emphasis on, while also recognizing the limits of these movements. So, we conclude that the Hip-hop movement characterizes itself as political-cultural, and has an important role in the construction of political organizations, bringing together militants to confront government attacks and with revolutionary ideas.

Keywords: Hip-hop. Cultural Movement. Political Organizations. Social Classes.

* Doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mariapsoa@gmail.com

Os Direitos Humanos são resultado de lutas históricas da sociedade. Vão de direitos mínimos, como o acesso à educação, saúde, cultura, moradia, ao questionamento do modo de sociabilidade vigente. São direitos básicos e fundamentais, como a vida. Têm origem no regime capitalista que estabelecia que os servos se tornavam trabalhadores assalariados, cobertos por alguns direitos, dentre eles a liberdade, a igualdade e a propriedade.

A Revolução Francesa pregava liberdade, igualdade e fraternidade, como bandeira desses direitos. Mas, contraditoriamente, enquanto conquistava esses direitos na Europa, mulheres não tinham alguns direitos civis garantidos. Além disso, ainda ocorriam processos de dominação e colonização de regiões, escravizando outras culturas e populações, através da violência. Na América, corpos negros escravizados trazidos da África, por exemplo, sustentavam a colonização escravocrata por meio da, assim chamada, acumulação primitiva, no novo modo de produção, o capitalista.

Com a expansão do capitalismo, para sua fase imperialista, proporcionou a formação do neocolonialismo, e como reflexo uma formação social com modo de produção dependente de países centrais junto à composição étnico-racial da população brasileira.

As relações sociais no país são atravessadas por desigualdades, pesando a opressão física, psicológica, dominação e discriminação encobertas pelo manto da unidade da nação e a naturalização das desigualdades e exclusões socioeconômicas, ou seja, são explicações importantes para a compreensão da coesão nacional e da coerção presentes na sociedade brasileira (DURANS, 2021, p. 50).

Por exemplo, a democracia racial, uma política para mascarar a desigualdade racial que ainda existe no país, mas que foi uma política consciente adotada para abafar os movimentos sociais que surgem para questionar o racismo, junto à política de miscigenação, que é vista como um processo natural da formação do Brasil. Contudo, é uma ideologia de apagamento e exclusão desta população que foi escravizada e feita de mercadoria, sustentando um sistema colonizador e explorador.

Dessa forma, o racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência europeia a serviço da dominação da América, a Ásia e a África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial europeia. Os fatores históricos, econômicos e sociais do racismo e todas as formas de intolerância, combinados aos efeitos da mundialização da economia, tem ampliado os problemas das relações sociais, materializando-se na violação de direitos humanos e no aprofundamento das desigualdades sociais (DURANS, 2021, p. 26).

Por consequência, quando falamos que o surgimento do sistema capitalista se dá de forma mundial, significa o que expressou a idéia de Aníbal Quijano (2005), o controle do trabalho com o aspecto da raça estava estreitamente articulado, uma forma naturalizada, podendo associar um determinado tipo de trabalho com o grupo específico dominado. E esse processo foi passando em cada modelo econômico instaurado no desenvolvimento das sociedades.

É sob essa formação social, política e cultural que surgem os “novos movimentos sociais” já na década de 60, para responder demandas principalmente democráticas e de identidades, que antes os movimentos clássicos não se dedicavam a responder. Mas que também podem ser questionados por abordar apenas o tema sem uma perspectiva classista, relacionada à divisão de classes e a exploração capitalista no intuito de sua destruição e não de conciliação.

A política de enfrentamento ao capitalismo tem implicações no conjunto da sociedade e sujeitos que nos relacionamos. Visando uma mudança societária, trazendo uma direção sócio política de superação da ordem vigente propondo uma sociedade sem exploração e opressão e uma direção social que seja democrática e livre de injustiças sociais.

O sistema capitalista a todo momento reforça as ideologias da classe burguesa dominante, como também nos coloca no campo do enfrentamento à luta de classes constante. O capitalismo é um sistema que explora a força de trabalho humano, transformando em mão de obra barata, pagando baixos salários e ao mesmo tempo superfaturando pela mais valia deste trabalho humano, pois os trabalhadores produzem tudo e não tem o retorno dessa

lucratividade, tornando assim a força de trabalho mercadoria primeira do capital.

Romper com o conservadorismo possibilita enxergar o funcionamento da sociedade, a divisão de classes, o modo de produção operante, quem obtém o poder da ordem e quem são os sujeitos para a transformação disso tudo, por que a classe que produz e a classe que explora esse trabalho produtivo são antagônicas.

Um projeto de enfrentamento e resistência precisa expressar as intenções e anseios do movimento de massas e da classe trabalhadora em geral. Com uma estratégia de ruptura com a ordem vigente de exploração e opressão dos trabalhadores.

Quando discutimos a ruptura do conservadorismo, o fim da sociedade de classes, estamos colocando que o modo de produção existente que é a divisão por classes sociais: a classe burguesa como detentora dos meios de produção e a classe trabalhadora como a força de trabalho utilizada para gerar mais-valia e lucro para os capitalistas, estamos dizendo que todo e qualquer mecanismo criado nesta situação para gerar mais lucro, deverá ser combatido.

Então quando no capitalismo se utiliza da opressão para explorar mais trabalhadores e dividi-los para enfraquecer o movimento de massas, é preciso se colocar no campo do enfrentamento dessas expressões de alienação. A alienação no capitalismo é decorrente da exploração da força de trabalho, portanto alienado, como mercadoria, que produz valor e mais-valor na esfera econômica, da produção material, mas o capitalismo também produz alienação em todas as outras dimensões da vida: cultural, ideológica, política, social. “As idéias da classe dominante são as idéias dominantes em cada época. A classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante”. (MARX; ENGELS, 1989 p 27).

O trabalhador tem um cotidiano completamente ocupado e direcionado exclusivamente ao trabalho. É intencional para de um lado gerar mais capital

e de outro permanecer a dominação de classes, através do Estado mantendo a ordem da classe que está no poder, a burguesia.

Então, quando a cultura, assim como outros elementos que surtem os mesmos efeitos, traz a perspectiva da resistência, é uma ameaça para a hegemonia da classe dominante. Porque incentiva o pensamento crítico e começa a se questionar, acerca da sociedade capitalista, suas ideologias, suas relações sociais e seu processo de dominação, formando assim uma consciência única do protagonismo que a classe explorada tem na luta de classes e na emancipação humana social.

E esse é o aspecto mais forte no movimento Hip-hop. Um movimento em sua gênese, contestador e por muitas vezes revolucionário e capaz de ser um instrumento transformador, junto aos demais movimentos sociais, a classe trabalhadora e a juventude.

Este artigo se divide em duas partes. A primeira apresenta um panorama dos movimentos sociais no Brasil e o surgimento do Hip-hop, trazendo seus elementos centrais de formação e como ele se define como um movimento social com influência na sociedade e na luta de classes.

Na segunda parte partimos da análise de algumas organizações atuais do *hip-hop* e como se movimentam para dar respostas às expressões da realidade da juventude e das periferias, principalmente neste momento de Pandemia da COVID-19, que são o público alvo da cultura do hip-hop e como são combatidas a partir da luta e resistência desses movimentos.

1. Contexto histórico dos movimentos sociais e o *Hip-hop* no Brasil

O surgimento do *Hip-hop* se dá devido ao aprofundamento do capitalismo, como consequências graves à população mais pobre dos EUA. “Não obstante, concordamos que o hip-hop nasceu em meio ao processo de reestruturação produtiva empreendida nos EUA ao final dos anos 60 e da década de 70 do século XX”. (SANTOS, 2015)

Além disso, surge em meio à revolta dos movimentos por direitos civis contra a segregação racial nos Estados Unidos, juntamente com Malcolm X, Martin Luther King, Panteras Negras, pelo fim do racismo.

Entendemos o hip-hop nessa perspectiva, ou seja, como parte integrante de todo um processo de contestações e busca de soluções para os problemas de racismo e exclusões sociais enfrentados pelas comunidades latinas e negras norte-americanas. (SANTOS, 2015 p. 25)

Ou seja, no Brasil não se faz diferente, o *hip-hop* chega à década de 1980 e tem como principal palco a cidade de São Paulo com o elemento “breaking”, logo depois, com referência nos EUA, os “reppers” se enxergaram na luta contra a exploração social e a discriminação racial e o “rap” se tornou o principal elemento do *hip-hop* no país.

Mas só na década de 90 com as “posses”², que o *hip-hop* como militância social, aqui no Brasil teve um caráter organizador, a partir da posse Sindicato Negro³ e o *Movimento Hip-Hop Organizado* (MH2O) que encabeçou o processo, também se articulando com os movimentos negros tradicionais, o MNU – Movimento Negro Unificado e o Geledés – Instituto da Mulher Negra.

As posses constituem o movimento organizado e foi a partir delas que o *hip-hop* teve seus desdobramentos político-organizativos nas periferias do Brasil. E foram surgindo outras posses em várias regiões das cidades. Podemos observar que além do caráter artístico, de desenvolvimento dos elementos culturais do *hip-hop*, as suas posses contêm princípios revolucionários, inclusive trabalhos desenvolvidos com partidos políticos.

Outras se organizavam com princípios revolucionários, apoiados no marxismo e com estreito contato com partidos políticos como o PC do B (Partido Comunista do Brasil) e o PT (Partido dos Trabalhadores), como são os casos das “posses” “Nagroatividades”, da região do ABC Paulista, e “Força Ativa. (SANTOS, 2015 p. 95)

Portanto, o que leva uma organização a ser caracterizada como movimento social, são seus princípios e enfrentamentos, em qual lado se coloca para enfrentar os ataques sofridos por seus sujeitos atuantes.

Desde as rebeliões negras ocorridas nos Estados Unidos em 1991, como resposta ao espancamento sofrido pelo taxista negro Rodney King, que o rap tem sido a trilha sonora de muitas insurreições populares. Esse acontecimento foi “profetizado” na canção *Fight The Power* (Combata o poder) que o grupo de rap do Public Enemy lançou em 1990. Foi assim também nas rebeliões das periferias francesas ocorridas em maio de 2005, quando o rap foi acusado pelo parlamento francês de ter incitado aqueles protestos que deixou um saldo de milhões de euros em prejuízo e mais de 10 mil carros queimados. Foi assim na revolução egípcia de 2010 embalada pela canção do rapper A-Rush que alertava: “O Hip-hop não está morto, nunca morreu / só se moveu para o Oriente Médio, onde a luta continua viva!”. Ou na Tunísia onde rapper Hamada Ben-Armor, ou simplesmente El General, de apenas 21 anos, foi preso e torturado após a explosão da canção “President, Your Country” [Presidente, Seu País] que conclamava a população a pegar em armas e derrubar o regime do ditador Zine El Abidine Ben Ali. (DIAS, 2021)

Nessa perspectiva surgem movimentos de *Hip-hop*. O MH2O em São Paulo, não conseguiu construir corpo para seguir se articulando, mas foi fundamental para influenciar demais Estados a organizarem movimentos locais e nacionais do *Hip-hop*.

Os movimentos que surgiram no Norte e Nordeste culminaram na criação de um movimento Nacional chamado “Aliança Rima de Cima”, “a intenção era contribuir, junto com os outros movimentos sociais, para a construção de uma sociedade socialista”. (SANTOS, 2015)

A “Aliança Rima de Cima” não foi adiante em virtude das disputas políticas que se configuram no interior da organização. No entanto, é interessante observar que, num dado período, década de 1990, em que o discurso revolucionário era questionado veementemente e os movimentos sociais urbanos viviam um momento de crise, o movimento hip-hop do Norte e Nordeste caminhava na contramão, organizando-se e propondo uma unidade nacional, contrariando as visões exóticas, alegóricas, espontaneístas e moralistas que parte das pessoas possuía sobre o hip-hop. (SANTOS, 2015 p. 95)

O movimento Quilombo Urbano no Maranhão, que nasce desse período e desta construção, está firme até hoje, um dos poucos movimentos de *Hip-hop* que perpetua uma perspectiva marxista, revolucionária de movimento social, foi o principal impulsionador da construção do Movimento Nacional de Hip-Hop Militante Quilombo Brasil em 2010, que tem cumprido um papel propagador de ideias e de resistência aos problemas e mazelas que a periferia enfrenta cotidianamente.

Em vista disso, o movimento *Hip-hop* se constitui um movimento social necessário de combate à hegemonia capitalista e racista no mundo, pois por suas linguagens de contestação das questões sociais encontradas na exploração da classe trabalhadora, assim como na opressão que divide a nossa classe, o *Hip-hop* é um movimento social, político e cultural, é um instrumento importante para os embates da luta de classes.

Podemos fazer uma reflexão acerca do debate histórico dos movimentos sociais que surgiram nos anos de 1960 e 1970, a partir de perspectiva marxista e uma possível associação com o movimento *Hip-hop*. Segundo os autores, Montaño e Duriguetto (2010), as novas formas de organização da expressão social são refletidas a partir do surgimento de novos conflitos causados pela crise do capitalismo e são fundantes na contradição capital-trabalho.

Ou seja, a crise capitalista, os novos centros de conflitos e suas novas formas de organização e expressão sociais nada mais são, nessa ótica, do que novas e diversas maneiras de manifestações da fundante contradição capital-trabalho, fundamento da chamada “questão social”, que se expressa das mais variadas formas, e as quais os sujeitos enfrentam com um infindável leque de possibilidades (MONTAÑO e DURIGUETTO, 2010 p. 323).

Esses aspectos denominados: “questão social” - que são problemas sociais enfrentados pelo antagonismo de classes, fruto da contradição capital-trabalho e as suas expressões - são características do surgimento do capitalismo e de sua continuidade até hoje. Expressa bem IAMAMOTO (2013),

A questão social é indissociável da sociabilidade da sociedade de classes e seus antagonismos constituintes, envolvendo uma arena de lutas políticas e culturais contras desigualdades socialmente produzidas, como selo das particularidades nacionais, presidida pelo desenvolvimento desigual e combinado, onde convivem coexistindo temporalidades históricas diversas. (IAMAMOTO, 2013 p. 330)

Em razão da continuidade do capitalismo e dos processos de lutas que ocorreram no contexto mundial, por exemplo: maio de 1968 na França, Revolução Russa na União Soviética em 1917. Mantêm-se, portanto,

demandas sociais provocadas por este sistema, que reforçam a necessidade do acirramento entre as classes sociais e aumentam os espaços para a luta, acarretando paralisações sociais e criação de mecanismos de resistência, como partidos políticos e movimentos sociais, no seio da classe trabalhadora.

Os “novos movimentos sociais” surgem nessa perspectiva, adotando demandas pontuais, mas também vinculadas com a forma dada no sistema capitalista de “produção e distribuição de riqueza”. Como afirmam os autores:

Movimento social não pode, nessa perspectiva, ser pensado e compreendido de forma desvinculada da produção e do consumo, das esferas política e econômica, e do estado e do mercado. Apenas a sociedade civil e a dimensão cultural pouco nos diz sobre esses movimentos (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010 p. 324).

Esses “novos movimentos sociais” surgem no século XX, entre os anos de 1960 e 1970, com o objetivo de *complementar* as lutas dos movimentos clássicos. Em alguns momentos, são vistos como *alternativas* aos movimentos classistas tradicionais, partidos políticos de esquerda e sindicatos.

Na abordagem culturalista, os autores definem como uma mistura de vertentes racionalistas (Touraine e Evers) e pós-modernas (Boaventura S. Santos), esses movimentos estão voltados aos processos sociais, vinculados a dinâmicas internas das manifestações coletivas, novas formas de sociabilidade e de valores gerados. (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010)

Na visão dos autores, esses novos movimentos têm uma característica de afirmação e constituição de identidades, bem como práticas democráticas. Têm uma livre organização, como referência à comunidade, à amizade, às solidariedades, ao respeito à individualidade e ao direito à diversidade. Neles, as classes sociais são trocadas por sujeitos coletivos, a partir de sua prática social, de seu imaginário e sua identidade cultural.

Numa tentativa de caracterização dos NMS (novos movimentos sociais) na América Latina, Zibechi (2005) afirma, em concordância com os nacionalistas e pós-modernos, que esses se caracterizam pela *independência em relação aos partidos políticos e aos sindicatos*; pela *revalorização da cultura e da identidade de seus povos*; pela *formação de seus próprios intelectuais*; por um *maior papel das mulheres*; pela *preocupação pela organização do trabalho*; e pelas *questões ambientais*⁴ (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010 p. 332).

Existe uma centralidade na construção de eixos culturais, identitários, rejeitando análises gerais de outros movimentos. Por exemplo, os que consideram as classes sociais como elemento determinante para existência das mazelas da sociedade. Suas análises são focadas na sociedade civil. Um movimento social desse tipo visa suas demandas diante do Estado e pode ter como objetivo participar do poder político deste.

Para Lojkine (apud MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010 p. 329), o movimento social expressa o mais alto grau da luta de classes, principalmente se for até o fim com um partido político revolucionário, que questione a ordem estabelecida e almeje o fim das classes sociais. Para ele, a organização política e a mobilização das massas estão nas mãos de um movimento revolucionário.

[...] o Estado é o produto e expressão das lutas de classes e se o urbano (contrariamente ao que postula Castells) é um movimento de tais lutas, então: em primeiro lugar, os movimentos sociais não podem ser vistos sem considerar essa dimensão, o lugar que ocupam como parte dessas lutas, e, portanto em segundo lugar, a perspectiva de tomar ou participar (e não apenas reivindicar desde fora) do poder do estado deve ser vista como algo lógico e, por vezes, até essencial desses movimentos sociais (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2010 p. 329).

Logo, esse movimento, assim como Lojkine descreve, era revolucionário, com posições de Lenin⁵, e tinha por objetivo mudar o sistema econômico vigente.

Os movimentos de *Hip-hop* no Brasil, por sua vez, podem ter um caráter dualista, onde se observa o eixo cultural e político, encontrando disputas e conflitos no seu interior mas podendo ter grupos que privilegie em suas ações apenas o caráter de movimento cultural e outros grupos que considerem o de movimento social.

Achamos que o movimento *Hip-hop* se encaixa pela sua origem e posicionamentos, como um movimento político-cultural, exemplificando esse significado, DIAS (2021):

Foi essa fusão entre cultura e política que fez com que indivíduos como P.R.C., um rapper do Quilombo Urbano que traz no currículo

escolar um modesto 5º ano, fosse considerado por muitos como “o Chico Buarque do Hip-hop brasileiro”. Foi essa fusão que transformou Verck, meu parceiro do Gíria Vermelha, de líder da primeira gangue de pichação de São Luís em um dos mais apurados intelectuais marxistas no debate sobre raça e classe no Brasil. Foi essa fusão que fez com que eu mesmo retornasse à escola depois de quase uma década para concluir o antigo segundo grau com 25 anos e chegar à universidade aos 27. (DIAS, 2021)

Com essa caracterização é muito difícil considerar o movimento de *Hip-hop* como uma vertente culturalista, considerando apenas sujeitos coletivos e não classes sociais. Mesmo que estes movimentos tenham surgido na contramão dos movimentos sociais clássicos, eles são complementares.

2. Um breve levantamento das formas de enfrentamento a partir das experiências dos movimentos de *Hip-Hop* no Brasil atual.

Para a escrita deste artigo fizemos um pequeno questionário com alguns membros do movimento *Hip-hop* de algumas organizações pelo Brasil. Na perspectiva de encontrar as formas de enfrentamentos que essas organizações têm feito, principalmente na conjuntura política atual, de crise econômica, social e de saúde, vide a Pandemia do COVID19, percebi, de forma bem limitada, por se tratar de uma pequena busca, que o papel das organizações do movimento *Hip-hop* é de suma importância para a dinâmica social de luta de classes na sociedade. Expressa bem essa idéia, Hertz Dias que é militante do Movimento de Hip-Hop Quilombo Urbano no Maranhão e do Movimento Nacional Quilombo Brasil:

No atual contexto de Pandemia, prevalecem as atividades virtuais, mas antes essas organizações não só promoviam ações culturais como participavam ativamente das mobilizações políticas mais gerais. Unidade com todas as demais organizações políticas. Quando do assassinato do negro João Alberto no Carrefour a Batalha da Liberdade que fica no Quilombo Liberdade aqui em São Luís que é o maior quilombo Urbano da América Latina realizou uma atividade que reuniu mais de 500 pessoas e foi um ato fortíssimo contra o genocídio negro e contra o governo Bolsonaro. (DIAS, 2021)

Importante ressaltar também nessa fala, a unidade com outras organizações políticas, assim como apontamos na seção anterior a relação com partidos políticos e o caráter revolucionário dos movimentos de *Hip-hop*. Nessa mesma linha DIAS (2021) continua: “Recentemente tivemos que fazer uma grande mobilização internacional junto com outras organizações como o Luta Popular e a CSP-Conlutas para libertar um militante nosso que foi preso injustamente em São Paulo vítima de racismo policial”.

Portanto, o *Hip-hop*, como também suas organizações políticas, têm um significado de mobilização e de consciência, pois toca nas principais demandas da juventude e das periferias, fazendo com que haja uma unidade central nas demandas da classe trabalhadora tendo um potencial revolucionário na luta de classes. Assim como afirma João Igo do Quilombo Brasil e do Luta Popular (Movimento Nacional por Moradia), morador na Zona Sul de São Paulo, sobre esse significado do Hip-Hop: “o hip-hop é um movimento que organiza as populações mais oprimidas da sociedade e leva em suas letras e expressões, as injustiças que são promovidas pelo Estado capitalista”.

Embora a burguesia tente desorganizar cooptando e se apropriando da cultura *Hip-hop*, ainda enxergamos lugares onde a organização política é mais forte. Kairu, membro da organização do Movimento Negro “Ujima” em São Paulo e que também está inserido no mundo do *Hip-hop* nos conta:

Apesar da burguesia com sua indústria cultural trabalhar pra cooptar o Hip-hop, levando alguns integrantes do Hip-hop a atuar ao lado dos nossos algozes, como por exemplo, o rapper Xis que recentemente fez campanha apoiando o Bruno Covas, acredito ser um movimento social quando os integrantes se organizam nas periferias para debater os problemas que enfrentamos, levar consciência de raça e classe e junto com o povo se organizar para lutar contra todas as violências que o capitalismo nos trás (KAIRU, 2021).

Ou seja, essas expressões e a origem do *Hip-hop*, traz a necessidade de construir organizações como as posses e os movimentos, pois se é certo que o Movimento do *Hip-hop* é movimento social é por que na realidade as organizações do *Hip-hop* “tem procurado contribuir com a conscientização e

mobilização dos espaços onde atua por meio da organização de coletivos” (ROGÉRIO, 2021)⁶.

O enfrentamento vivenciado pelos militantes do *hip-hop* em suas regiões é a realidade de milhares de trabalhadores que têm seus direitos negligenciados, assim como são marginalizados de todos os serviços públicos que deveriam ser de acesso e de qualidade. Em meio à pandemia estamos assistindo a piora na crise econômica, uma crise sanitária e consequentemente os conflitos aparecem, causando uma crise social no país.

Uma das perguntas para este trabalho é: “Como nesse momento de pandemia os militantes do Hip-Hop têm enfrentado questões concretas de sobrevivência?”. DIAS (2021) fala: “Os membros do Hip-Hop são pessoas que fazem parte do setor da juventude e da classe trabalhadora mais afetada pela pandemia. É uma situação contraditória, lutar para sobreviver”. Luanda, que é do Movimento Quilombo Urbano do Maranhão respondeu: “A maioria aqui é autônoma e tem passado por muita dificuldade financeira e emocional. Isso dificulta também a atuação. Por isso, pelo menos o diálogo se mantém na área onde cada um mora.”

As letras de Rap expressam também a realidade do nosso cotidiano. Como o rapper GOG⁷ lançou:

“Brasil com Pandemia”
 Presidente pouco preparado
 Prejudica país, poluindo,
 Poluído panorama político.
 Poxa, precisa percepção Presidente
 Pulso Perfumasse para parar Pandemia
 Pessoas pobres precisam permanecer protegidas
 Pegando passando passarão por privações primárias
 Porém presidente!
 Pacotes provisórios, pretensão política, projeto puramente pessoal,
 Poder pelo poder.
 População!
 Pressão! Pulsação! Participação popular!
 Pelo povo!
 Paz Presidente! Paz com PH
 Faz!! (GOG, 2020)

No Brasil, a pesquisa publicada pelo IBGE, no segundo semestre de 2021, relatou que a taxa de desemprego chegou a 14,1%, atingindo um recorde

de 14,4 milhões de desempregados. Além da taxa de trabalhadores na informalidade que está em 35% da população ocupada e 5,6 milhões de pessoas que desistiram de procurar oportunidade. Apesar desses números terem baixado em 2022, estamos sofrendo com o retorno do Brasil ao Mapa Mundial da Fome: 33,1% da população brasileira não tem garantido o que comer e 58,7% vivem em insegurança alimentar, ou seja, mais da metade de toda população brasileira. Se somarmos todo esse contingente chega a números absurdos de pessoas em condições desumanas em aspecto de empregabilidade e sobrevivência⁸.

O *Hip-hop* sempre viveu nesse meio e surgiu para retratar essa realidade. O movimento organizado surge para centralizar e pulverizar em todas as regiões do país que essas expressões deixem apenas o âmbito cultural, de produzir arte, mas também de transformar essa arte em luta!

Ou seja, não é o público do rap ou os militantes da cultura Hip-hop que são exigentes e impositivos, mas sim a realidade que certamente deve ser o aspecto mais autoritário da vida humana. Ela pode empurrar gerações e mais gerações para trás como também pode empurrar para frente e em estado ebulição social. Desemprego em alta, genocídio negro, precarização dos serviços públicos, militarização das quebradas, criminalização da juventude são aspectos da realidade que a crise do capitalismo brasileiro impõe a nossa juventude. Resistir a essa realidade é mais do que uma proposição do Hip-hop militante, é uma imposição da realidade. E, em um contexto como este cabe às organizações de Hip-hop militante e revolucionário (falo de poucas que sobraram) estarem aptas a estreitar ainda mais a relação orgânica de seus membros e de sua política com a periferia. (DIAS, 2021)

As tarefas dos movimentos sociais, assim como os partidos políticos e sindicatos da classe trabalhadora são grandes. E os movimentos do *Hip-hop* têm seu papel. “É possível que o país exploda depois da pandemia ou ainda nela, e nisso o Hip-Hop deve se colocar na linha de frente, pelo menos aqueles que se preparam para isso. O Quilombo Brasil é uma dessas organizações que segue essa pegada e perspectiva” (DIAS, 2021).

Apenas para situar, o Quilombo Brasil é uma organização nacional, criada em 2010 por movimentos organizados de alguns Estados do país. Hoje composto pelos movimentos: Negrada Hip-Hop (CE), O3- Ouvir Ousar e

Organizar (SP), Quilombo Urbano (MA), Quilombo Urbano (RJ), Quilombo Zona Norte (PE), alguns militante de Santa Catarina e no Rio Grande do Norte. E tem se posicionado sobre assuntos relacionados não só a cultura do *Hip-hop*, mas a todos os temas que atinjam a juventude, trabalhadores e as periferias. Recentemente expôs sua opinião sobre a chacina em Jacarezinho-RJ, uma operação violenta da Polícia para conter o tráfico de drogas. Na voz de uma das militantes, JAD, 2021⁹, o movimento Quilombo Brasil coloca:

Nós estamos cansados de falar que essa guerra às drogas é uma guerra aos pobres, aos pretos. Nós estamos aqui para prestar solidariedade e dizer que queremos justiça agora, não queremos esperar as eleições, não achamos que serão elas que vão mudar o rumo dessa sociedade, nós sabemos que o rumo só vai mudar na luta. (JAD, 2021)

Por isso, faz mais que necessário a organização do *Hip-hop* e mais que preciso esse movimento ser considerado e inserido nas articulações políticas da luta de classes.

Rap revolucionário é isso. É sentimento verdadeiro, dissolvido na tinta das canetas de quem se sente sufocado pela realidade impositiva. E no Brasil? Creio que se uma crise revolucionária se abrir em nosso país (hipótese que pode ou não se comprovar), o rap sem dúvida alguma será aquela bolinha cultural no olho do furação da velha perifa. Daí a importância de organizações como Movimento Hip-hop Quilombo Brasil que é uma semente que está sendo plantada com muito cuidado, carinho e paciência em vários estados do Brasil para que possamos colher bons frutos quando a primavera de lutas chegar pelas quebras de cá. (DIAS, 2021)

Considerações Finais

Estamos observando na conjuntura internacional e nacional o aprofundamento das lutas em resposta aos ataques dos governos e seus poderes econômicos.

Em muitos países estouraram rebeliões e derrubadas de governos, como no Chile que conseguiram nova constituinte, recentemente Colômbia, Equador, Peru, Angola, Guatemala, Portugal, entre outros que se levantaram aos problemas encontrados em suas regiões. Vimos governos que garantem os

interesses dos empresários e do capitalismo. Aqui no Brasil temos um governo de ultradireita com um projeto miliciano alimentando um discurso de ódio, acompanhado pela Damares, que em seu ministério carrega o nome dos direitos humanos, mas pouco faz para que eles aconteçam, e só vimos os números de violência crescente contra setores da classe trabalhadora.

Mas também não podemos fechar os olhos para o papel entreguista, de conciliação de classes que os governos anteriores, governos de Frente Popular, cumpriram com esses números alarmantes da violência contra população. Assim como uma crise econômica que só cresce e atinge milhares de pessoas que permanecem na miséria.

Nesse último período da pandemia, o desemprego e a fome aumentaram mais, por exemplo, no Brasil, segundo a ONU, os 42 bilionários festejaram o aumento de 37% das suas fortunas, enquanto os trabalhadores viram sua renda despencar em 20%. O descaso é grande e as medidas tomadas foram para manter a economia que na verdade é o lucro de suas fortunas enquanto mais de um milhão de pessoas morreram no mundo pela Covid-19¹⁰.

Portanto, não basta apenas bater de frente com os governos de plantão, mas também com o Estado que está para garantir os privilégios da burguesia. É preciso entender essa instituição como agente conciliador de classes e por isso para que a superação do capitalismo seja vitoriosa, é preciso dissolvê-la.

Mas esse processo só ocorre com a auto organização dos trabalhadores, pois a luta pelo interior das instituições tem um caminho limitado. Portanto, a unidade dos movimentos e partidos políticos da classe trabalhadora é fundamental para esse processo e o papel do movimento do *Hip-hop* faz sentido, está inserido nas periferias, nos setores mais excluídos e explorados da sociedade, e pode ajudar a aglutinar uma consciência de classe, sendo assim a luta do movimento de massas pela tomada do poder pelo proletariado, sendo mais eficaz na construção de um novo projeto societário que Marx propõe, tendo o método dialético de análise da realidade e sua proposta de sociedade socialista.

Maria Clara Pereira Soares é Cordelista e Rapper. Graduada em Serviço Social pela UNIFESP; Mestre em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na PUC-SP (Bolsista pela CAPES). São Paulo/SP – Brasil.
Contato: mariapsoa@gmail.com

Artigo recebido em: 18/03/2022

Aprovado em: 21/01/2023

Como citar este texto: SOARES, Maria Clara Pereira. Movimento social e *Hip-hop*: “O redentor do meu povo será o meu povo. Só.”. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 09, nº 01, p. 110-128, 2023.

Referências

BRASIL. **Dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**, 2021.

DIAS, H., **O Hip-hop revolucionário como imposição da realidade**. In: Coletivo de Artistas Socialista, Blog do CAS, São Luís, 2021. Disponível em: https://blogdocas.com.br/2021/04/17/o-hip-hop-revolucionario-como-imposicao-da-realidade/?fbclid=IwAR10f6j5RLpZeaCyhhQwqe5kmKsnlHdNzh_SvZ4dgvOYaSv48xpudaM9-Us. Acesso em: 08 set. 2021.

DURANS, C. A. **Políticas de raça e classe no Brasil: uma crítica marxista**. São Paulo: Editora Sundermann, 2021.

GOG, 2020. **Brasil com Pandemia**. Brasília: 2020. 1 vídeo (48 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WkIQ2wTq8iw>. Acesso em: 08 set. 2021.

IAMAMOTO, M. V. **O Brasil das desigualdades: “questão social”, trabalho e relações sociais/Brazil of inequalities: “social question”, work and social relations**. Ser Social, Brasília, v.15, n. 33, p. 261-384, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

MONTAÑO, C.; DORIGUETTO, M . L. **Estado, Classe e movimento social**. 1ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

ONU. **Mapa da Fome das Organizações das Nações Unidas**, 2022.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUILOMBO BRASIL, 2021. **Toda solidariedade aos familiares e moradores de Jacarezinho-RJ que sofreram uma das maiores chacinas da história**. Rio de Janeiro, 2021. 1 vídeo (2 min 39 seg). Disponível em: <https://fb.watch/5mQ5jKZVv8/>. Acesso em: 08 set. 2021.

SANTOS, R. E. **Educação popular e juventude negra: um estudo da práxis político-pedagógica do movimento hip-hop em São Luís do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2015.

Notas

¹ Trecho da música “Milho aos Pombos” do grupo de rap Gíria Vermelha.

² As posses são espaços de organização do *hip-hop* que reúnem os três elementos (breaking, rap e grafit), têm como objetivo desenvolver trabalhos sociais e políticos nos bairros e regiões periféricas.

³ Sindicato, por na época serem os principais organismos de luta da classe trabalhadora e Negro, o tema racial.

⁴ Grifos são dos autores.

⁵ Lenin foi um revolucionário russo e um dos principais dirigentes da Revolução Russa de 1917. Como líder do Partido Comunista, sua ideologia influenciou pessoas em todo o mundo.

⁶ Rogério é militante do Movimento de *Hip-Hop* Negra da no Ceará.

⁷ GOG – sigla de Genival Oliveira Gonçalves - rapper há mais de 30 anos, de Brasília.

⁸ Dados Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) e Mapa da Fome das Organizações das Nações Unidas (ONU), 2022.

⁹ Jad é militante do Quilombo Urbano no Rio de Janeiro.

¹⁰ Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/07/27/internas_economia.1170395/brasil-42-bilionarios-aumentaram-fortunas-durante-a-pandemia-covid-19.shtml Acesso em 08 abr. 2021.